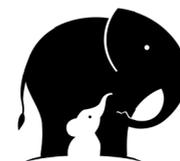


DOMINGOS GEDOZ

DOMINGOS
GEDOZ



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA

*Um bolso cheio de tristezas
vou tirar de você
Uma mão cheia de flores
vou espalhar para você
Um rio cheio de lágrimas
vou chorar por você
Uma eternidade de memórias
vou lembrar de você*

Athey Thompon, Little Book Of Poetry

Texto: Valquíria Vita
Diagramação: Fabiane Reginato
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida
Fotos: Arquivo pessoal da família
Ano: 2022

www.historiasdevida.com.br

No dia 8 de agosto de 2021, quando Domingos Gedoz partiu deste mundo, aos 83 anos, o tradicional bar do Pingo, no bairro Panazzolo, fechou as portas. Naquele domingo, o bar que era local de carteados, bebidas e risadas, não tinha motivo para receber clientes. Afinal, um de seus mais tradicionais frequentadores havia falecido.

Pingo, o dono do bar, e amigo pessoal de Domingos, foi o primeiro a chegar na casa da viúva, Luci. Naquele dia, não apenas o bar perdia um de seus maiores (e mais polêmicos) clientes, como uma esposa perdia um marido; filhos e genros perdiam um pai; netos perdiam um avô; e todo o bairro perdia o conhecido "Minguinho".

Mas essa história não é sobre perdas. Nos seus mais de 80 anos de vida, Domingos arrecadou muitos ganhos: carreira estável e sólida, família grande e feliz, terrenos espaçosos que ele adorava contemplar embaixo das árvores. Memórias.

A história, apesar de ter começado pelo final, começa em 1820, com o nascimento do suíço Jean François Gedoz. Como o resto de sua família, Jean François, um homem forte, corajoso e aventureiro, trabalhou como agricultor.

A explosão demográfica, aliada a um momento de profunda crise econômica na Europa, causou grandes dificuldades de sobrevivência para a família dele, que decidiu, assim como muitos, buscar uma vida melhor em outro país. O pai dele, Jean Martin Gedoz, já havia feito o mesmo, ao sair da Itália para a Suíça, em 1809.

Aos 30 anos, Jean François, a esposa e os sete filhos emigraram para a Argélia. Lá, devido às péssimas condições ambientais e de trabalho, Jean François perdeu todos. Viúvo, retornou à Suíça. As dores das perdas sofridas na tentativa de emigração fracassada, não fizeram com que ele desistisse da vida. Novamente, essa história não é sobre perdas.

Jean François conheceu e se casou de novo, dessa vez, com Marie Marguerite. E 15 anos depois, o casal e seus sete filhos embarcaram no barco Rivadavia, em uma aventura no além mar, com destino ao Brasil, país que foi mais bondoso com seus familiares do que a Argélia havia sido. Aqui todos sobreviveram. Mas a vida nova foi de intenso trabalho.

Eles chegaram em 1874 na localidade onde hoje é o município de Carlos Barbosa/RS. No Brasil, Jean François e Marie tiveram mais dois filhos. A família toda se dedicava à agricultura e criava pequenos animais. O solo era bastante fértil, porém a mata tinha de ser cortada com machados, foices e enxadas. O relevo irregular dificultava o cultivo da terra e o transporte da produção: a colheita era carregada a pé ou no lombo de cavalo.

Apesar de tudo isso, não havia reclamações. Após tudo o que já havia passado, Jean François, que trouxe ao Brasil o sobrenome Gedoz, se sentia feliz por ter terra para plantar.

A vida seguiu e Jean François e seus descendentes se integraram com imigrantes italianos, alemães e

habitantes locais. Em 1925, a casa dele serviu de cenário para a comemoração dos 50 anos da imigração e dezenas de familiares posaram para uma foto histórica. Um dos filhos de Jean François era Maurice Léopoldo, que casou-se com a também suíça Eugène Cottet. Entre os filhos deles, nasceu, já no Brasil, Fiorentino Gedoz, que casou-se com Clementina Pizzoli. E em Carlos Barbosa, nasceu Domingos Gedoz, um dos filhos do casal. Era dia 26 de dezembro de 1937, um domingo!

Domingos era o mais novo, um menino loiro de cabelos encaracolados. Tinha os irmãos Maurício, Albino, Laurentina (que chamavam de Laura), Lucinda e os gêmeos Alécio e Adécio. Depois dele, nasceu ainda mais uma menina, Luci, que faleceu aos cinco meses, de meningite.

Era Laura, a mais velha das filhas, que cuidava dos irmãos menores, já que a mãe trabalhava nas plantações (tinham batata, uva e outras colheitas) junto com o pai e os filhos. Se Clementina ficasse em casa cuidando das crianças, na colônia, isso significava uma mão de obra adulta a menos para ajudar no campo. Ela trabalhava mesmo grávida (o que era a maior parte do tempo, já que teve um filho após o outro). Para ter energia durante o dia, comia ovo cru pela manhã. "Quase nem víamos a mãe. Ela só nos pariu," diz a irmã de Domingos, Lucinda.

A família se reunia apenas no almoço e jantar: arroz e feijão ao meio dia, polenta com queijo à noite. Nesses momentos, pairava no ar um silêncio mortal. Fiorentino

não deixava que ninguém desse um pio durante as refeições e os filhos tinham que levantar o dedinho quando queriam mais um pedaço de polenta. A esposa, que era extremamente falante, ouvia frequentemente do marido a frase: “Bota água na boca, Clementina.”

Quase não havia doces na casa. Mas em alguns raros momentos a mãe fazia flon (cuca, em suíço) de figo. Certo dia, Domingos, cansado dessa escassez de doces, decidiu sair sozinho em direção à casa de uma tia, para comer balinhas de açúcar. Tinha apenas quatro anos de idade. O que não impediu que apanhasse ao ser encontrado no meio do caminho.

Nos anos 40 não havia rádio nem televisão no interior, então não havia muita diversão — sequer se comemoravam os aniversários. Mas as crianças se entretiam na natureza. Havia um rio perto da casa e os meninos se aventuravam na parte mais funda, que chamavam de boião, escondidos do pai.

Meninos e meninas não dormiam nem brincavam juntos. E naquela época, não era comum que os pais conversassem muito com as crianças, especialmente sobre alguns temas mais difíceis. Os filhos acreditavam na história que a cegonha trazia os bebês. Pois nem mesmo a reprodução dos animais da colônia era explicada para eles: o pai levava a vaca da família cruzar com o touro em outra propriedade para que as crianças não presenciassem a cena. A vaca voltava prenha. E quando ela amanhecia com os bezerrinhos, as crianças exclamavam, animadas:

“Olha! A cegonha passou essa noite!”

Apesar dessa inocência, porém, elas precisavam ajudar em algumas tarefas da colônia nada infantis. Fiorentino matava os porcos e um dos filhos segurava a bacia para que o sangue do animal escorresse. Não havia muita preocupação com traumas infantis. Quando as crianças não queriam comer o que era servido, o pai trancava-as para fora de casa, incluindo nas noites de frio e chuva. Elas podiam voltar depois de um tempo, cansadas de tanto chorar.

Era uma família, assim como tantas outras, cujo foco era o sustento. Na pequena propriedade, não sobrava dinheiro. E o casal trabalhava muito, especialmente para pagar pelas terras que estavam ocupando, que haviam sido compradas pelos pais de Clementina. Havia o suficiente para se manter, porém, em 1946, aconteceu uma seca terrível. Tão grande que todas as plantações da propriedade da família morreram. A única coisa que resistiu, embaixo dos eucaliptos, foi o pissacan.

Fioentino e Clementina venderam as terras e se mudaram para Caxias do Sul, a 50 quilômetros de distância, onde ele ingressou na Metalúrgica Abramo Eberle. A maior e mais importante indústria metalúrgica da cidade de Caxias na primeira metade do século XX crescia em ritmo acelerado e precisava de mão de obra. Os três filhos mais velhos entraram na empresa também. Domingos, como tinha apenas oito anos de idade, foi o único da família que teve a oportunidade de estudar em

escola particular. "De todos os filhos, ele foi o que menos passou trabalho, porque era o nenê da casa," diz Lucinda.

Domingos matriculado no Colégio do Carmo, onde um primo, que mais tarde seria médico, também estava estudando. Mas lá, as coisas não deram muito certo para ele. Recém saído da colônia, Domingos nunca tinha ido à escola. Era acostumado a brincar no mato, em meio aos animais, de pés descalços. De um dia para o outro, estava uma sala de aula rodeado de livros e cadernos, crianças acostumadas com a cidade, sem poder contar com a ajuda da família nas tarefas, já que todos tinham pouca instrução. Teve dificuldade de acompanhar as lições e tinha medo das frequentes reguadas que os professores eram autorizados a dar nos alunos.

Domingos não gostou da escola, mas não contou para os pais. E assim como fez naquele dia das balinhas de açúcar, quando saiu de casa a pé sem avisar ninguém, decidiu não ir mais para o Carmo. Em vez disso, ia para o Parque dos Macaquinhos no horário das aulas, e lá, passava a tarde brincando.

Quando dos irmãos do colégio procurou a família e informou que Domingos não estava comparecendo, não houve briga, nem tampouco conversa. Fiorentino decidiu que o filho não servia para os estudos, mas logo, serviria para trabalhar na fábrica. Tirou-o da escola sem dar a ele uma segunda chance. E por sete anos, enquanto não tinha idade suficiente para ingressar no Eberle, Domingos ficou por aí, brincando na rua, ajudando a mãe com a pensão

que a família instalou no bairro Panazzolo e cuidando das vacas. Também desempenhou uma tarefa pouco usual: levava a água do poço da pensão até a casa das prostitutas, que ficava nas proximidades, e elas davam a ele alguns trocados pelo trabalho.

Foi com esses trocados, provavelmente, que ele apostava no jogo Paraguai, um jogo de dados proibido organizado na rua. Certo dia, a polícia descobriu que os meninos estavam apostando dinheiro e levou todos para a cadeia, incluindo Domingos, que tinha 12 anos. Fiorentino, ao ficar sabendo da notícia, não foi buscar o filho. Quis dar a ele uma lição. Após algumas horas, os policiais liberaram o menino, afinal, o que fariam com uma criança entre as grades? A lição estava aprendida e Domingos foi para casa sozinho. Se ainda jogou Paraguai depois disso, não se sabe.

Nodia em que completou 14 anos, seguiu o caminho dos irmãos e do pai e foi registrado na Metalúrgica Eberle. Funcionário de número 6.417, Domingos colocou os pés na fábrica pela primeira vez em janeiro de 1952 (já que o aniversário havia sido entre o Natal e o Ano Novo).

Os primeiros tempos foram como aprendiz, o que incluía desde varrer o chão até receber as noções básicas de matrizaria e gravação. Lá, recebeu o apelido de "Faísca", porque impressionou-se com as faíscas saídas do esmirilho, algo que nunca tinha visto antes de pisar na fábrica. Depois, entrou na produção, onde por muitos anos trabalhou no setor da gravação de talheres. Começou na

unidade que ficava no Centro de Caxias e depois passou a trabalhar mais perto de casa, no bairro Exposição, na chamada Fábrica 2, na MAESA (uma abreviação do nome da empresa, Metalúrgica Abramo Eberle S/A). A Maesa, que seguia crescendo, foi aberta quando o prédio da Sinimbu já não comportava mais todas as etapas de produção. E são de lá as lembranças que eram mais vivas na memória de Domingos: os jogos de futebol com colegas, como Clóvis Buffon e Nelson Boni, aos sábados, no quartel; as visitas eventuais do diretor Júlio João Eberle à fábrica (“Por onde ele passava ou quando apertava a mão de alguém, ficava o perfume”, ele dizia), e a convivência com artistas, como Bruno Segalla e o gravador de talheres Nilo Bissigo.

Durante exatos 33 anos, três meses e três dias, Domingos foi funcionário da Eberle. Sempre foi um funcionário pontual, que não faltava nem quando ficava doente. Os únicos dias que faltou ao trabalho foi quando precisou operar o joelho após uma lesão em um jogo de futebol. Seus dias de rebeldia haviam ficado na infância, pois ao virar adulto — o que aconteceu precocemente, naquele dia que entrou na fábrica, aos 14 anos — sempre levou o trabalho com a maior seriedade possível.

Nos finais de semana, para relaxar, frequentava os bares do bairro — sempre gostou de um carteadado. E jogava futebol: apesar de não ser muito alto, tinha uma ótima impulsão e era um bom goleiro.

Foi essa paixão pelo futebol que o levou ao Alfredo

Jaconi assistir ao Juventude em um sábado. Lá, ele conheceu a jovem que passa a ser uma das personagens mais importantes da sua história de agora em diante: Luci.

Domingos tinha 18 anos quando conheceu Luci, dois anos mais nova e moradora de Flores da Cunha. Ele sentou-se ao lado dela naquele jogo e eles começaram a conversar. Foi ela, que era mais extrovertida, que puxou papo. Na conversa, eles descobriram que Domingos era filho da dona da pensão onde a tia de Luci, que se chamava Maria, morava. E falaram de tantas outras coisas que nem assistiram ao jogo naquele dia. Na saída do estádio, Domingos foi surpreendido por Luci, que pegou em sua mão. Quando a tia dela apareceu para buscá-la, soltaram. Combinaram de se ver de novo e de seguir se falando enquanto isso.

Os dois começaram a escrever cartinhas um para o outro, e Luci, que no início dizia para ele que era muito jovem para namorar, acabou tendo a permissão dos pais para isso. A tia dela ajudou a convencê-los, já que conhecia Domingos da pensão, por ser “um bom rapaz”.

Ele passou a visitá-la em Flores da Cunha aos domingos (ia de ônibus) e, assim, na expectativa de se ver uma vez por semana, o namoro durou três anos. Ela foi a primeira namorada de Domingos. E ele, o primeiro namorado dela.

Quando chegou a hora de dar o próximo passo, Domingos foi realista com Luci: avisou que eles morariam com a família dele, na pensão, em Caxias, pois o salário

na fábrica ainda não lhe dava condições de sustentá-los em uma casa própria. Luci, que não via a hora de sair de Flores da Cunha (cidade tão pequena que fazia Caxias do Sul parecer um local emocionante para morar), aceitou.

Em 3 de janeiro de 1959, Domingos e Luci se casaram na igreja da cidade dela, cerimônia seguida por uma festa no salão da igreja. A lua de mel foi no hotel Bela Vista, em Ana Rech. Mas ansioso e inquieto, Domingos não aguentou até o final. Quis ir embora do hotel dois dias antes. Como combinado, os dois foram morar na casa dos pais dele, em Caxias.

Domingos gostava (e sempre gostou) de rotina. Trabalhava de dia e dormia cedo. Aos finais de semana, jogava cartas no bar. Na TV, assistia futebol e filmes do Velho Oeste, principalmente os de Kirk Douglas. Mas diferente dos personagens encenados por Kirk, Domingos não era de se aventurar. Muitos podem dizer que não era dos mais corajosos (tinha muitos medos, o que pode ser explicado pelos acontecimentos do passado retratados aqui). Mas um evento ocorrido nessa época de recém casado ficou marcado para sempre em Luci como o seu maior ato de coragem.

O casal estava fazendo um picnic à beira do Rio Cai, e quando estava lá, um menino começou a pedir socorro. “Ninguém vai salvar o meu pai? O meu pai tá se afogando”, ele dizia. O pai dele, que jogava bola perto do rio, havia caído na água. Domingos, sem pensar muito (até porque se pensasse, lembraria que não era um grande nadador)

se atirou na água. “Ele foi nadando cachorrinho, do jeito dele. E lembro que não deu nem para puxar o homem pelo cabelo, porque era um careca. Mas de alguma forma, ele salvou aquele homem,” lembra Luci. Os dias nadando no “boião” com os irmãos em Carlos Barbosa, sem saber, o haviam preparado para isso.

Esse é um dos momentos de coragem mais lembrados de Domingos. Mas há quem diga que um grande ato de coragem é colocar um filho no mundo. Domingos colocou seis. O primogênito, Domingos Luiz, nasceu em 1959, e o pai até assistiu ao parto. O bebê nasceu no mesmo dia que ele completava 22 anos de idade. Não se emocionou (pelo menos, não visivelmente), pois era um homem que sentia, mas não demonstrava (um dos únicos momentos que a mulher o viu chorando, foi quando o irmão mais próximo, Alécio, morreu afogado, nos anos 70). Depois de Luiz, nasceu Jaqueline (1962), Luciana (1963), Daniéle (1966), André (1971) e Gabriela (1975).

Em um intervalo de 15 anos, Domingos e Luci viraram pais de seis. E a família teve sua própria casa, passando a não ter mais que morar na casa dos pais dele. Uma regra mensal de Domingos era economizar, e com essas economias, juntadas aos ganhos de Luci, que trabalhava como costureira, eles compraram um terreno no mesmo bairro e construíram uma casa. Com a herança dos pais dele, mais tarde, compraram o terreno ao lado. Os dois terrenos eram orgulho para Domingos, não por ser uma pessoa materialista, mas porque via neles o retrato

do que acreditava: que quem trabalha duro consegue economizar o suficiente para ter segurança financeira. E para ele, ter um espaço próprio era a realização da segurança financeira. Seu lema era: “Guardar dinheiro para a velhice.”

E ele seguiu economizando ao longo de toda vida: no seu tradicional casaquinho de lã, anos mais tarde, era conhecido por ter um bolso com notas pequenas e um para notas maiores. Sempre andava com dinheiro e pensava muito antes de gastar com algo. Havia um certo medo (não falado, porém sentido) de voltar a passar necessidade. Herança da mãe, Clementina, que não gostava nem que as luzes da casa estivessem acesas para não gastar energia elétrica. “Tu acha que eu sou filho do Júlio Eberle?” Domingos dizia aos filhos, repetindo o padrão da mãe, de economizar até nas coisas mais básicas.

Domingos e Luci ensinaram aos filhos o valor do trabalho (e do dinheiro), e deram a todos a oportunidade de estudar. Os esforços do casal deram certo. Todos os filhos estudaram o quanto quiseram e se encaminharam bem em suas carreiras. Luiz e André foram para a área de engenharia, Luciana seguiu os passos da mãe, como costureira, Jaqueline, Daniéle e Gabriela, viraram professoras.

Em seus anos como funcionário do Eberle, Domingos via sua folha de pagamento muitas vezes quase zerada ao recebê-la, pois durante o mês, era descontado direto

do salário os ranchos no mercado do Eberle, chamado Fundação, além de gastos médicos e farmácia, tudo para a família. Por muito tempo, fez hora extra no trabalho, quando ficava até 10h30 da noite para ganhar um dinheiro a mais.

A sua preocupação principal sempre foi sustentar os filhos (e pagar todas as contas no dia, muitas vezes, antes mesmo de elas vencerem — Domingos era extremamente honesto e correto nos negócios).

Outra tradição da família dele que foi replicada em casa foi a da hora das refeições: Domingos também não gostava de conversação enquanto comia. E a melhor coxa do frango sempre ia para ele. “Era uma lição de vida, porque se tu vai dar o melhor para o teu filho agora, como ele vai ser quando crescer? Na época era assim, a melhor parte era sempre para a pessoa mais velha. Se tivesse uma avó na casa, por exemplo, ia para ela”, explica Luci.

Todo ano, quando os filhos eram jovens, eles conseguiam tirar férias no verão e a família ia à praia, no Aero Willys do pai de Luci, ou então, de ônibus. Domingos adorava o mar e até conseguia relaxar por alguns dias, mas depois de uma semana, a ansiedade batia forte, e ele sentia que já estava na hora de voltar para casa.

“Ele era sistemático,” define Pingo, dono do bar e amigo pessoal, que compreendia esse jeito. Domingos tinha que almoçar ao meio-dia em ponto todos os dias. Nos anos em que trabalhou, sempre voltou para casa, a pé, para almoçar. E depois de aposentado, quando não

tinha mais compromissos para voltar à uma da tarde, seguiu fazendo questão de comer às 12h. Seu “manjar dos Deuses”, como ele chamava, era arroz e feijão. Precisava comer com um prato fundo e sempre com o mesmo garfo, faca e colher. Após tanto tempo dedicando-se aos talheres do Eberle, em casa, não aceitava comer com outros que não tivessem sido feitos lá.

Luci, que era um pouco mais aventureira, conseguiu convencê-lo a fazer algumas viagens, além das praias dos verões em família: com ela, conheceu o Rio de Janeiro e o Nordeste. Ele nunca queria viajar. Mas quando viajava, adorava. Nordeste foi o mais longe que Domingos se permitiu ir. Quando Luci quis sair do Brasil para conhecer o mundo, aos 50 anos, ele preferiu ficar na segurança de sua casa.

Quando se aposentou, Domingos tinha apenas 46 anos de idade. E uma vida pela frente. Com a aposentadoria, fez o que sempre quis: descansou e aproveitou a vida. Esse aproveitar a vida tem diferentes significados para as pessoas. Para ele, resumia-se a dormir até a hora que tinha vontade, cuidar dos canteiros que cultivava e contemplar seus terrenos no sol, apreciar almoço e janta, jogar carta e tomar uma bebida no bar. Quando diziam para ele ir ao banco e ficar na fila, ele respondia com: “O meu tempo não é para ficar na fila.”

Domingos, literalmente, só fazia o que tinha vontade. Depois da “tarefa cumprida” (33 anos batendo ponto e seis filhos encaminhados) permitiu-se ser ele mesmo. E

não deixava que ninguém tirasse a sua paz por isso. “Mas vai pra p* que te pariu”, era uma frase frequente.

Nesse período, também viu nascer e crescer seis netos. E cada um, da sua forma, tem um pouco dele em si: Valquíria, Valéria, Bruna, Eduardo, Murilo e Alice. Todos se acostumaram a vê-lo indo ao bar do bairro, mais de uma vez por dia. “Aqui era o chão dele”, diz Pingo. Apesar de sempre “ficar feliz tomando uma cachacinha”, como dizem os amigos do bar, ele nunca exagerava. E mesmo depois dos 80, seguiu sendo um ótimo jogador de carta. Deixava no chinelo os jogadores mais jovens. “Quando sentia que ia ganhar, estufava o peitinho,” lembra o amigo de bar, Guaporé.

Com o passar dos anos, aquela característica de fugir dos conflitos foi dando lugar a um senhorzinho cheio de opiniões. Tanto que no final da carreira, segundo Luci, quando Domingos estava em um estágio do emprego em que já não podia mais ser demitido, começou a revoltar-se com o processo de trabalho, especialmente por perceber o fato de que muitos, como ele, trabalhavam por pouco para enriquecer alguns. No fim das contas, empregados e patrões do Eberle, hoje, estão todos no mesmo cemitério. O cortejo fúnebre de Domingos, em 2021, passou pelos túmulos da família Eberle. Há uma certa ironia nisso.

“Ele era socialista, mas não sabia,” conta o genro Paulo Barbieri. Domingos era, definitivamente, de esquerda. Acreditava que todos deviam ter os mesmos direitos, não fazia distinção entre pobres e ricos, brancos

e pretos, indignava-se com a diferença social (uns com muito, uns com quase nada) e considerava os políticos “todos ladrões”.

Essas opiniões fortes, que eram externadas, causavam alguns atritos, inclusive no bar. Às vezes, se envolvia em discussões políticas por lá. Mas a política não era o único motivo da balbúrdia: Domingos, pavio curto, não segurava os xingamentos quando um parceiro de carteadado estava jogando mal e os fazia perder o jogo.

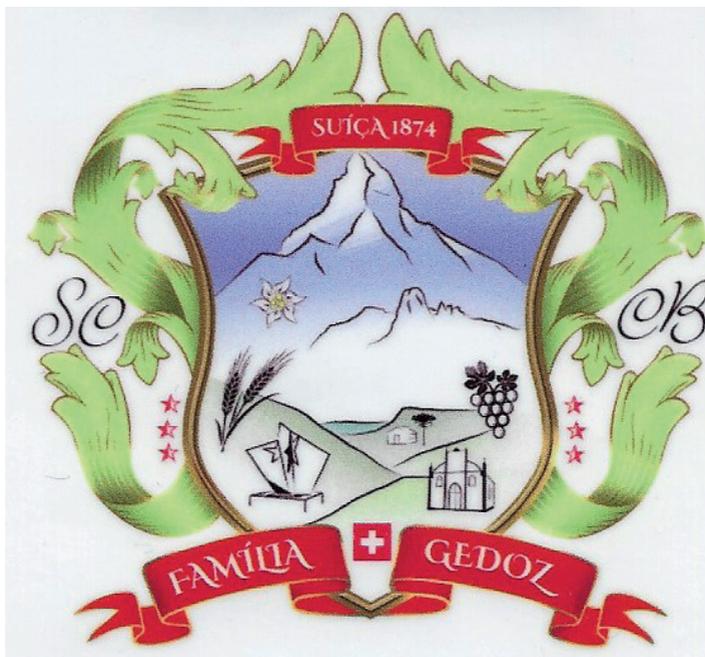
Normalmente, o comportamento era relevado pelos amigos, que já estavam acostumados ao seu jeito. Mas certo dia, uma discussão quase evoluiu para uma briga de bengalas (entre ele e outro senhor). Foi Pingo que botou panos quentes. A história ainda é lembrada por muitos.

Domingos podia ser revoltado e nervosinho, mas sabia ter muito bom humor. Quando perguntavam seu aniversário, respondia: “Depois do Natal”. Seu nome? “Depois do Sábado”. E fazia coisas que ninguém mais faria. Certo Natal, a família organizou um tradicional Amigo Secreto (hoje extinto, após muitas discussões — todos herdaram o pavio curto do patriarca).

Depois de tirar o próprio nome no papelzinho, e cansado de ter que refazer a brincadeira por causa disso, Domingos ficou quieto. Na véspera de Natal, dia da entrega dos presentes, o jogo acabou e só restou Domingos. Quando todas as atenções se voltaram para ele, ele anunciou que o Amigo Secreto dele era “ele mesmo”. E para “ele mesmo”, havia comprado uma

garrafa de whiskey Johnnie Walker. Não teve quem não deu risada dessa história. E esse deve ter sido o Amigo Secreto mais memorável da família.

Assim também foi Domingos: imprevisível. E memorável.



Acima: Brasão da família Gedoz.
Abaixo: Em 1925, a casa de Jean François serviu de cenário para a comemoração dos 50 anos da imigração e dezenas de familiares posaram para uma foto histórica.



Acima: Parque dos Macaquinhos, onde Domingos matava aula.
Abaixo: Interior da Metalúrgica Eberle.



Acima: No dia que ingressou na Metalúrgica Eberle.
Abaixo: Domingos Gedoz (o garoto à direita) aos 14 anos em 1952, quando entrou na Maesa e participou do jubileu de prata do chefe de seção.



Jubileu de prata: Domingos Gedoz (à frente) e o colega Sérgio Cardoso de Oliveira recebem de Tônico Eberle o relógio de ouro pelos 25 anos de trabalho na Maesa, em 1977.



Domingos Gedoz (agachado à direita) e os colegas Clovis Buffon, Edemor Rossi e Nelson Boni no pátio da fábrica, por volta de 1961.



Casamento, em Flores da Cunha.



Acima: Em uma viagem ao Nordeste.
Abaixo: Em Copacabana.



Com a esposa, Luci.



Acima: Comemorando um Réveillon em família.
Abaixo: No Maracanã: futebol era um de seus programas favoritos na televisão.



Acima: Na praia. Domingos sempre gostou muito do mar.
Abaixo: Com Rubens Varela, capinando no terreno.





Com os seis netos e os seis filhos.



Premiação de um de seus hobbies: o carteadado.



Celebrando a primeira dose da vacina, durante a pandemia.
Ao lado: terreno no bairro Panazzolo.



Caxias do Sul 20.11.54

Prezada Luci

Recebi tua cartinha no dia 19.11.54
Conforme você diz em tua carta que você
está castigo por um ano Luci cerele
ajo que da espera um ano mas eu
ajo que um ano é demais mais
se for impossível e não for eu
posso esperar.

Luci ma quele dia que nos fomos -
O campo que você me disse que você
está castigo por um ano eu não
a quidiolai mas agora que li a tua
carta eu fiquei a gritando.

Luci você disse que um ano passa de
pressa eu ajo que não.

Luci mãe se envergonha por ter escrito
pouco não foi por.

Preguira foi por falta de ~~ajuda~~ ajuda
Com saudades despedimo
de vo

Domingos Gedoz
Resposta

Caxias do Sul, 20.11.54

Prezada Luci,

Recebi tua cartinha no dia 19 do 11 de 54.

Conforme você me diz em tua carta, você está de castigo por um ano. Luci, você acha que dá para esperar um ano (para começar a namorar)? Eu acho que um ano é demais. Mas se for impossível, eu posso esperar...

Luci, naquele dia que fomos no campo e você me disse que estava de castigo por um ano eu não acreditei, mas agora que li tua carta eu fiquei gritando.

Luci, você disse que um ano passa depressa. Eu acho que não.

Não se incomode por eu ter escrito tão pouco, não foi por preguiça, foi por falta de ajuda.

Com saudades, despedo-me de você.

Domingos Gedoz